

0 Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003

Vítor Oliveira Jorge¹
João Muralha Cardoso²
Leonor Sousa Pereira³
António Sá Coixão⁴

ABSTRACT:

The authors describe very briefly the main structures uncovered from 1998 to 2003 in the pre-historic settlement of Castanheiro do Vento (Horta do Douro, in the community of Vila Nova de Foz Côa, NE of Portugal), and set out the main problems raised by these excavations.

1. APRESENTAÇÃO DA ESTAÇÃO

O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento encontra-se no território da freguesia de Horta do Douro, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, NE de Portugal.

As coordenadas geográficas de um ponto central da estação, seg. a "Carta Militar de Portugal" na esc. de 1:25000 (folha 140), são as seguintes:

41° 3' 49" Lat. N.

7° 19' 18" Long. W. Gr.

O sítio localiza-se no alto de um morro de planta sub-circular, situado à altitude absoluta de c. de 730 m., e convencionalmente delimitável, na base, pela curva de nível de 680 m.

O alto, que se pode circunscrever pela curva de nível de 720 metros, apresenta um marco geodésico, a sul (alt.: 723 m.), numa área que se encontra lavrada. A norte, apresenta uma zona ligeiramente mais elevada, aplanada, coberta de vegetação arbustiva, com diversos amontoados de pedras dispersos, os quais são restos de estruturas pré-históricas (ou, eventualmente, em alguns casos, posteriores) mais ou menos desmontadas.

Tanto quanto nos permitem deduzir as seis campanhas de escavações já realizadas (entre 1998 e 2003, mas num total de apenas c. de noventa dias úteis), um aspecto fundamental daque-

¹ Faculdade de Letras (DCTP). Univ. do Porto. E-mail: vojsoj@sapo.pt

² Museu da Cidade de Lisboa. Estudante de Doutoramento, Univ. do Porto (bolseiro FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia). E-mail: muralha@netcabo.pt

³ Instituto Português de Arqueologia (Extensão de Vila do Conde). E-mail: leonorsp@hotmail.com

⁴ ACDR, Freixo de Numão (Presidente da direcção). E-mail: freixo.acdr@clix.pt

las estruturas pré-históricas recentes é a existência de um mais que provável recinto, delimitado por um ou mais muro(s) ou "muralha(s)", provido de um outro grande recinto anexo, ambos com estruturas ou células sub-circulares na respectiva periferia (que, apenas convencionalmente, designamos "bastiões"), das quais foram já exumadas cinco: A, B, C, D (recinto principal) e E (recinto anexo, ou "secundário"), havendo uma sexta provável (F) (recinto anexo também).

Sublinhe-se, como fizemos em trabalhos publicados anteriores, que utilizamos a palavra "bastião" num sentido puramente tipológico-formal e não funcional, e portanto não pretendendo com isso induzir qualquer interpretação do sítio como "fortificação", na linha da arqueologia funcionalista tradicional, o que, do nosso ponto de vista, seria de um simplismo hoje inaceitável.

É óbvio que estamos perante um sítio do tipo "recinto monumental", com prováveis plataformas também monumentalizadas (neste caso, viradas à ribeira da Teja, afluente do Douro), como acontece no Castelo Velho de Freixo de Numão. É também para nós evidente, tendo em conta os dados que permanentemente resultam do estudo sistemático do Castelo Velho desde 1989 (da responsabilidade de Susana O. Jorge, da FLUP, e sua equipa) que estamos perante locais complexos, multifuncionais, que conheceram toda uma história, e portanto serviram de provável cenário fixo a uma grande multiplicidade de cenários semi-fixos (estruturas perecíveis) e móveis (constituídos pelas próprias pessoas, seu comportamento, objectos manipulados de muitos tipos, etc). Se quiséssemos encontrar uma palavra-chave para o que aqui aconteceu, neste contexto construído, falaríamos de "deposições"; é mais interessante falar a propósito destes locais de actos de deposição do que de "fases" como a arqueologia estratigráfica tradicional tende a fazer (R. Bradley, inf. pess.).

O local data do Calcolítico e, talvez também, da primeira parte da Idade do Bronze (cronologia possível - entre c. de 2900 e 1500 a. C). Porém, a "ocupação" posterior ao Calcolítico está ainda pouco bem documentada; a ter existido, não parece poder ter representado qualquer descontinuidade importante com a fase anterior; mas esse é um assunto totalmente em aberto, a esclarecer em futuros trabalhos.

De notar que um fragmento de peça em electro encontrado "in situ" em 2001 (camada 2 - "estrutura de combustão 1", para sul do "bastião" B) aponta para o Bronze Final, ou mesmo para fase mais tardia (Idade do Ferro) pelo que se configura a hipótese da estação ter tido uma mais ampla diacronia.

De facto, várias datas de C14 tardias, que caem claramente na Idade do Ferro (entre os sécs. VIM e IV a. C), apontam nesse sentido; algumas delas estão relacionadas com a referida "estrutura de combustão" "encostada" ao "bastião" B, e manifestamente posterior em relação a ele. Torna-se possível visionar as "estruturas de combustão" que parecem existir no interior do recinto, perto do muro que o circunscreve (sem que a área escavada nos permita ainda delimitá-las correctamente) como correspondendo a aproveitamentos tardios - proto-históricos? - das ruínas pré-históricas anteriores.

Dado ser presumível que já então estas estariam reduzidas a amontoados de pedras, e dada a ausência de materiais - nomeadamente cerâmicos - atribuíveis à Idade do Ferro (se exceptuarmos o fragmento de jóia a que acima aludimos), pode levantar-se a hipótese de se ter tratado de actividades não contínuas, de aproveitamento esporádico (fabrico de carvão?) dos referidos amontoados de pedras, que juncariam o local.

No entanto, esta eventual utilização tardia não diminui a impressão de que estamos perante um local basicamente calcolítico, com prolongamento na Idade do Bronze (para obedecermos a uma divisão de "épocas" que, nesta zona, como o Castelo Velho tem mostrado, é bastante artificial).

No seu conjunto, Castanheiro do Vento, apesar de truncado pelas lavras (sobretudo para plantio de eucaliptos) é um monumento enorme, relativamente bem conservado na sua parte nuclear, cujas semelhanças genéricas com Castelo Velho de Freixo de Numão, embora a maior escala, são evidentes. Mas, por outro lado, também se começa a acentuar uma certa especificidade dos dois sítios (um em relação ao outro), o que aliás seria de esperar com o prosseguir dos trabalhos.

Por isso, o maior ou menor grau de similitude entre Castelo Velho de Freixo de Numão (estação-tipo, que obviamente nos serve de referência, como provavelmente virá a considerada, no futuro, a estação-tipo de toda uma série ainda por definir) e Castanheiro do Vento de Horta do Douro terão de ser reavaliados à medida que as pesquisas prosseguirem.

2. DESCRIÇÃO GENÉRICA DOS TRABALHOS REALIZADOS

As principais acções efectuadas, ao longo destas seis campanhas, foram:

- Topografia de todo o topo do cabeço (tanto a parte lavrada recentemente, como a mais preservada), por forma a realizar a sua planta com curvas de nível, inserindo as áreas escaváveis num grande rectângulo (250 m. no sentido N-S, por 125 m. no sentido W-E), dividido em quadrados de 2 m. De lado (trabalho de Armando Guerreiro).
- Limpeza da vegetação até onde os nossos parques meios o têm possibilitado e, antes de cada campanha, materialização da quadriculagem da área a intervencionar.
- Desobstrução (através de "cadeias humanas" feitas pelos próprios estudantes e investigadores) dessas superfícies, e de áreas envolventes, de muitas pedras ali acumuladas.

Recordemos que o local da nossa intervenção, ao longo destes últimos seis anos, fica adjacente a um estradão, e situa-se genericamente para oeste deste, na zona nordeste da estação. A área abrangida até hoje estende-se genericamente na direcção N-S, ao longo de cerca de uma centena de metros de comprimento. Procura seguir o contorno do (s) muro (s) ou "muralhas" (s) periférica (s) do reduto principal e do recinto secundário, estudando as suas estruturas anexas, sem demasiado aprofundar aqui ou ali (com excepção das estruturas bem delimitadas, como "bastiões", etc). É uma escavação, em regra, feita em área, mas muito superficial, só para evidenciar o topo das principais estruturas, e portanto relativamente pouco profunda.

Ao longo dos muros, nas suas faces internas e externas, procura-se remover as pedras dispersas que à superfície os cobrem, acidental ou intencionalmente (impedindo a respectiva visibilidade, ou seja, a nossa capacidade de "seguirmos" as linhas delimitantes das paredes). Por vezes, encontramos pequenas "cunhas" (preenchimento de vãos paralelos às linhas de parede) ou lajes de travamento (lajes perpendiculares às mesmas linhas, verticais ou oblíquas, seguidas ou descontínuas) que em alguns casos têm de ser retiradas, para que essas "linhas de parede" se tornem superficialmente nítidas.

- Decapagem superficial (sempre muito dificultada pelas raízes dos carrascos, abundantes e profundas) e registo das estruturas visíveis, abarcando já uma superfície considerável. Tal decapagem permitiu ver e registar em desenho uma extensão significativa de "**muralha**" (ou muro) periférica do recinto principal, a qual, a partir sobretudo do "bastião" C, inflecte para sul, indo ao encontro do já várias vezes referido recinto anexo ou "secundário". Este constitui um grande espaço "avançado" situado no extremo sul da área intervencionada, de planta ainda não completamente definida, aproximadamente ovóide, e com eixos maiores que se situam em torno de 22 metros.

- Escavação integral da área interior dos "**bastiões**" A e B e parcial dos "**bastiões**" C e D.
- Escavação parcial da **estrutura de combustão** 1 (l. do Ferro?), anexa ao "bastião" B pela sua parte sul.
- Detecção, e escavação parcial da área interna, de uma **entrada ou passagem monumental** voltada a leste, situada para sul do "bastião" D, ao lado da base sub-circular do que pode ter sido de uma **torre**.
- Detecção, e escavação parcial, de diversas outras **passagens**, ou "portas" mais ou menos monumentais, com particular destaque para duas situadas no recinto secundário.
- Detecção, e decapagem parcial, na área NW da zona intervencionada, de uma superfície desprovida de cobertura pétreo (provisoriamente designada "**átrio**") e, já numa parte inclinada, de uma **rampa pétreo** monumental do "tipo Castelo Velho".
- Para efeitos de protecção temporária, e enquanto não dispomos de outros meios, temo-nos visto compelidos a fazer, no fim de cada campanha, o reenchimento com gravilha (por vezes reforçada com pedras soltas existentes no local) de todas as áreas escavadas mais sensíveis, nomeadamente o interior de "bastiões", passagens, estrutura de combustão 1, etc.

3. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA ESTAÇÃO DETECTADAS ATÉ AO MOMENTO

De forma muito genérica, e após a campanha de 2003, ressaltam as seguintes características estruturais do sítio:

- "muralha", ou muro de duas faces (com cerca de 1,5 m. de largura em média), delimitador do recinto principal, e descrevendo um arco, pois tem um primeiro troço (por ordem de achamento) orientado genericamente no sentido NW-SE, e um segundo, que se dispõe no sentido norte-sul. A ela vêm-se acoplar quatro "bastiões" (A, B, C e D), em posição exterior (isto é, para Norte - "bastião" A -, e para Este - "bastiões" B, C e D -, ou seja, para o lado do estradão que permite o acesso à, e contorna a, área intervencionada).

Podemos designar convencionalmente este primeiro troço de "muralha", ou muro delimitador do recinto principal, como "muralha 1" (m1). Descreve um arco de grande amplitude, e é curioso notar que é na sua zona de inflexão (quando "muda" a orientação NW-SE para N-S, genericamente) que se situa o "bastião" B, o mais irregular (e aparentemente "torcido" em relação a uma concepção original) dos exumados. Ou seja, enquanto os outros três "bastiões" vão, por assim dizer, acompanhando a curvatura da "muralha", tendo os seus eixos maiores perpendiculares à mesma, com o "bastião" B isso não acontece.

É de sublinhar também, como se disse acima, que a última parte, para sul, desta ml, descreve um arco, e apresenta uma descontinuidade (d) que corresponde a uma abertura particularmente importante e estruturada de forma complexa.

- Grande recinto secundário, espécie de "avançado", para SE, do recinto principal, com pelo menos duas "entradas" ou "portas" monumentais colmatadas - adentro de uma lógica que parece ser comum neste tipo de arquiteturas (veja-se o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão) - e pelo menos um "bastião" ("bastião E", voltado a sul), além de um outro provável ("bastião F?"). Este aspecto será detalhadamente desenvolvido em próximos trabalhos.
- "Bastiões" como estruturas ornamentais ou de prestígio, de consolidação da "muralha" (servindo de contrafortes junto a um declive) e de criação de espaços internos circuns-

critos onde se podem ter realizado acções/deposições particulares. A presença de fossas, nichos, "estelas", micro-espacos diversos no interior dos "bastiões" tem de ser cuidadosamente registada e interpretada, naturalmente que em relação com a respectiva estratigrafia e diacronia geral do espaço interno que cada "bastião" apresenta.

A repetitividade deste tipo de micro-espacos periféricos (adjacentes a muros) em sítios calcolíticos do tipo "recinto murado" é significativa de um certo "estilo arquitectónico", embora, naturalmente, fosse absurda a atribuição a tais espacos de qualquer "função" uniforme, quer no tempo, quer no espaço (do mesmo sítio e, por força de razão, de sítios diferentes).

Temos sempre de ter em atenção, ao abordar uma arquitectura pré-histórica, que ela era o único sistema permanente de inscrição de sentidos - de uma ordem - no espaço, e que, não havendo escrita, tais sentidos tinham de ter toda uma "gramática" : uma sintaxe (regras de divisão e associação de módulos, de unidades combináveis entre si) e uma semântica (capacidade de "decifração", pelo menos por uma parte da comunidade, do sentido ou sentidos que se pretendia veicular com cada "afirmação", ou seja, com cada estrutura (cenário fixo) e comportamentos mais ou menos padronizados (cenário móvel) a ela associados. Esta afirmação não pressupõe que tais "sentidos" fossem consciencializados como intencionais, artificiais, pois um dos efeitos da arquitectura é tornar "habitual", "natural", "normal" (como queiramos) aquilo que, num ou noutro momento do tempo, foi artificialmente "construído".

Ora, numa sociedade com escrita, quando se querem produzir novos sentidos, escrevem-se novos textos. É evidente que esta afirmação é redutora, porque a arquitectura continuou sempre - e de que modo - a ser utilizada, até hoje, como um sistema de inscrição de sentidos. Mas teve de conviver com outros (veja-se o actual regime da imagem gráfica, ou os "média" como a televisão).

Numa sociedade que se exprime pelas marcações materiais do espaço (isto é, pela arquitectura), nos momentos significativos (de inscrição de sentido) as estruturas ou são destruídas, ou criadas de raiz, ou então são transformadas, quer por acrescentamento de novas estruturas semelhantes nas proximidades (mais do mesmo, numa lógica aditiva), quer por alteração do desenho e da concepção dos volumes/formas/espacos como um todo (inovação radical), ou em parte (inovação parcial, eventualmente paulatina, numa lógica de modificação de pormenores que só a prazo altera a significação do conjunto, a "mensagem" arquitectónica que o conjunto configura, transmite, e fixa).

No caso do Castanheiro do Vento, num momento final da existência dos "bastiões", o seu interior foi petrificado, isto é, cheio com pedras, mas não caoticamente, nem ao acaso. Tais pedras, e por vezes lajes muito compridas, delimitam micro-espacos, quase "nichos" intencionais, tudo parecendo fazer parte de um comportamento altamente planeado e estruturado, mesmo na fase, por assim dizer, de "condenação" (enchimento de vãos) de tais estruturas, e sua massificação.

Esta "massificação" ou petrificação, note-se, pode ter sido apenas a da base pétreia das estruturas, sendo que a sua parte superior, feita provavelmente de argila e materiais perecíveis (mais frágil), ou pura e simplesmente se deixou degradar, ou parece que foi arrasada (acção fácil de praticar) para que aquilo que tinha sido um espaço interno, uma estrutura oca, na qual se podia penetrar e sair, se transformasse numa entidade maciça.

Esta realidade tem sido claramente observada por Susana Oliveira Jorge e colaboradores em Castelo Velho de Freixo de Numão, onde o que muitas vezes se encerrou simbolicamente

(por exemplo, com a disposição transversal, no interior de uma estrutura, de grandes lajes de xisto azulado, duro, além de outras pedras por cima) foi a base da dita estrutura, e seu enchimento, ou soco, de argila.

A presente conclusão é muito importante, porque mostra que o que se "condenava" era a parte mais resistente, ou infra-estrutura pétreo, de um determinado micro-espço, tornando perene aquilo que antes seria uma unidade facilmente transformável, mais ou menos efémera.

A passagem do mais ou menos efémero ao perene (através de "condenação" por exemplo - que no caso dos dólmens de corredor se dava pelo fechamento do átrio), e, em geral, o encarar destes sítios como complexos arquitectónicos em permanente transformação de detalhe (e, portanto, na diacronia, como um complexo "sistema de transformações") é uma observação que, cremos, é muito importante também.

A transformação de que falamos acima manifestamente envolvia deposições de certos itens (no sentido em que se costuma falar de deposições em relação a "espaços funerários") em determinados locais, tudo levando a concluir, mais uma vez, que não estamos perante espaços ocupados para uma simples vivência quotidiana de um conjunto de pessoas, mas de verdadeiros complexos simbólicos, ou conjuntos de "micro-espços" relacionados com percursos e trajectos que, por vezes, assumiam mesmo a faceta de "passos" de uma sequência comportamental que podemos imaginar como ritual. Foi este paradigma novo (novo em Portugal, porque em vários países europeus, como a Grã-Bretanha, o assunto é banal e discute-se há décadas, em relação com as "funções" dos "enclosures" e, em particular, dos "causewayed camps" e dos "henges", estes segundos mais tardios do que os primeiros) que o Castelo Velho de Freixo de Numão abriu, e só por isso ele ficaria na história da arqueologia portuguesa.

O "bastião" A é sub-elíptico; começado a escavar em 1999, a sua análise de campo foi concluída em 2000. Os restantes dados que forneceu foram estudados por Ana Vale. Entre outros aspectos, este "bastião" continha, no seu canto SE, um nicho constituído por elementos de moinhos manuais.

O "bastião" B parecia circular (ou quase), no fim dos trabalhos de 1999, mas, como já explicámos em trabalhos anteriores, a realidade interna revelou-se bem diferente (planta com uma forma quase triangular). Este "bastião" já teve o seu interior inteiramente escavado em 2001, e os respectivos materiais foram estudados por Nelson Borges. Sobrepunha-se a uma fossa que revelou também bastantes artefactos.

Os "bastiões" C e D são semi-circulares e estão "virados" para leste. A sua escavação - apesar de muito adiantada no "bastião" C - está ainda em curso, e a análise dos dados observados no seu interior, tal como no caso do "bastião" B, foi entregue a estudantes finalistas da licenciatura da FLUP. Rui Barbosa concluiu o seu trabalho sobre o "bastião" C, e Clara Gaspar ultima outro, sobre o "bastião" D. Gustavo Cunha estuda as técnicas constructivas utilizadas nas estruturas.

A estratigrafia da área interna do "bastião" C revelou-se complexa (com diversas "bolsas" de terra a diferentes níveis), e assentando em camadas de "ocupação" anteriores à estrutura. Este "bastião" apresenta, além disso, numerosos aspectos interessantes, como por exemplo uma laje sub-vertical, de tipo "estela", fincada na extremidade interna sul, e um buraco de poste estruturado junto a ela. Para já não falar de outra estrutura que ficava para o seu interior, escavada no fim das escavações de 2001, e que continha também uma laje fincada de tipo "estela".

Quanto ao "bastião" D, de planta semi-circular, e após a desmontagem dos níveis de pedras que superiormente o revestiam (de forma estruturada, como é habitual), conti-

nha, no seu interior - entre muitos outros aspectos - um nicho composto com elementos de moinho manual em granito. Na parte oeste, o "bastião" apresentava toda uma série de lajes inclinadas dispostas em escama, bem como duas lajes fincadas (de tipo "estela") nas extremidades, uma a norte (não longe da "muralha") e outra a sul (não longe da possível "torre").

- Provável "torre" sub-circular, de base pétreia maciça (a qual pode ter tido a sua periferia - sobretudo na zona leste -, a determinada altura, parcialmente alterada, por forma a conferir-lhe um carácter mais rectilíneo). Do lado oeste (isto é, virado ao interior do recinto), na sua periferia, encontrava-se uma laje com uma face voltada para o exterior da estrutura, que apresentava o que parecem ser fragmentos de gravuras picotadas.
- Passagem monumental para o interior do recinto, para sul da referida "torre". Achava-se colmatada, e incluía vários níveis de "lajeados".

Esta "porta" encontrava-se estreitada, do lado sul, por um muro de lajes sobrepostas, muito bem estruturado, encaestado entre a muralha e o vão da passagem. Do lado oposto, duas lajes contendo faces com gravuras viravam-se ao referido vão: uma tinha uma série de fusiformes predominantemente verticais; a outra, mais abaixo, apresentava várias "fossettes" pouco profundas.

Recordamos, a propósito, que já não é a primeira vez que ocorrem "fossettes" nesta estação, presentes numa laje horizontal da "muralha" confinante com a "estrutura de combustão" encostada ao "bastião" B. Todo um sistema monumental "fechava" esta passagem pelo lado exterior (lado leste), através de um conjunto de lajes horizontais dispostas em arco, as quais se encostavam, pela parte interna, a um imbricado de pedras extremamente bem elaborado. Tudo isso mostrava que ao fecho da porta se concedeu uma importância semelhante à de qualquer outro aspecto da construção, ou à "condenação" pétreia dos "bastiões".

Ou seja - e esta observação deve ser sublinhada - abertura e fechamento de "vãos" eram duas actividades igualmente prezadas e cuidadosamente estruturadas, como se fossem simétricas uma da outra, ou como se o momento de "condenação" fosse um acto tão importante como o da erecção de uma estrutura.

De facto, esta última constatação é muito importante, pois comprova o carácter altamente simbólico destes monumentos, que estão longe de serem recintos "funcionais" abandonados num certo momento, mas antes representam toda uma sequência de operações significativas (transformações, deposições) altamente estruturadas e provavelmente ritualizadas, sobre um espaço escolhido. Estamos perante verdadeiros microcosmos cénicos, onde se re-presenta, num cenário mais ou menos fixo, toda uma visão espacializada do mundo.

De acrescentar que para sul da entrada, e junto a esta, do seu lado leste (voltado ao exterior do recinto) se encontrava incluída na parede uma laje com face gravada (que também foi retirada do local para estudo, e substituída por outra semelhante). Continha dois sulcos, de tipo afim dos fusiformes, produzidos por abrasão, sub-verticais, aparentemente envolvidos por picotados que parecem desenhar uma periferia sub-circular. Todas estas lajes com gravuras, concentradas junto de uma passagem, não são decerto casuais (simbolismo universal das portas?); por outro lado, a sua inclusão no monumento pode ter funcionado como uma espécie de "citação" ou referência a locais com "arte rupestre". Por exemplo, no vale do Côa foi detectado -já no início do processo de estudo das gravuras paleolíticas e de outras épocas - pelo menos um painel com gravuras fusiformes.

4. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Foram ao longo destes anos exumados milhares de restos de artefactos, constituídos por fragmentos de recipientes e outros objectos cerâmicos, moinhos manuais em granito, inteiros ou, com mais frequência, fragmentados (elementos moventes e dormentes), percutores (em geral em quartzo), seixos de rio (sobretudo em quartzito), lascas e núcleos de quartzo, etc. Na sua maior parte esses objectos têm sido (ou estão ainda a ser) estudados, ou directamente por nós, ou por estudantes de licenciatura.

Com alguma frequência tem ocorrido barro de revestimento, mais ou menos abundante conforme as áreas. Indubitavelmente, a argila tinha um papel muito relevante em toda a técnica construtiva.

Igualmente têm sido recolhidas (para evitar degradação ou vandalismo) diversas lajes contendo gravuras, para o Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, tendo outras sido deixadas "in situ".

Outros marcadores espaciais, como "estelas" (lajes alongadas, em regra afeiçoadas sumariamente, algumas das quais ainda fincadas no solo, ou integradas vertical ou sub-verticalmente nas estruturas, com uma nítida intenção simbólica) têm sido preferencialmente deixados "in situ".

Foram recolhidas numerosas amostras de carvão para análise antracológica (enviadas, como de costume, à Doutora Isabel Figueiral, colaboradora da Univ. de Montpellier) e, nalguns casos, para datação pelo C14 (laboratórios de Uppsala e de Madrid). Recentes trabalhos discutiram já esses resultados.

Pequenos fragmentos de osso (fauna) foram recolhidos em campo pela Dra. Cláudia Costa e estão a ser estudados por esta, de colaboração com o Prof. João Luís Cardoso, da Univ. Aberta, Lisboa.

Todo o produto das escavações, quer os registos - incluindo imagens fotográficas digitalizadas, cópias de vídeos, originais de desenhos, etc, quer o "espólio" (=materiais arqueológicos, amostras diversas) da estação - destinar-se-ão, no futuro (isto é, logo que estudados), ao Museu de Freixo de Numão, que terá um pólo de Pré-história, em edifício próprio, já em construção.

5. PORTAL NA INTERNET; AGRADECIMENTOS

Castanheiro do Vento consta dos seguintes portais, da autoria de Alexandra Leite Velho e de Gonçalo Leite Velho (Instituto Politécnico de Tomar):

<http://www.freixonumao.pt.vu>

e <http://www.architectures.home.sapo.pt> (Contém textos do JiA - v. bibliog.)

a quem muito agradecemos essa colaboração, bem como toda a ajuda prestada nos últimos anos na organização logística, por meios informáticos, das equipas participantes nas escavações. Gonçalo L. Velho colaborou também nas escavações de 2003, bem como Ana Margarida Vale (mestre em Arqueologia pela FLUP), José Manuel Varela, Bárbara Carvalho, e muitos outros, cuja enumeração seria aqui impossível. Para todos, colegas, técnicos, investigadores de outras ciências, bem como para as centenas de estudantes que nos têm acompanhado (nomeadamente os que escolheram o Castanheiro do Vento como tema do seu relatório final de licenciatura) o nosso reconhecimento.

6. BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, Richard (1998), *The Significance of Monuments*, London, Routledge. CHAPMAN, Robert (2003), *Archaeologies of Complexity*, London, Routledge. JORGE, Susana Oliveira (1998), Later prehistoric monuments of Northern Portugal: some remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, Porto, ADECAP, pp. 105-113. JORGE, Susana Oliveira (1999) Bronze Age settlements and territories on the Iberian Peninsula: new considerations, *Gods and Heroes of the Bronze Age. Europe at the Time of Ulysses*, Londres, Thames and Hudson, pp. 60-64.
- JORGE, Susana Oliveira *at al.* (1999), Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). Geschichte der Interpretationsversuche, *Madriider Mitteilungen*, vol. 40, 1999, pp. 80-96.
- JORGE, Susana Oliveira (2000), Domesticating the land: the first agricultural communities in Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 2, pp. 43-98. Já "on line".
- JORGE, Susana Oliveira (2001), Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal) et la problématique des "habitats fortifiés" de la Péninsule Ibérique, *Communautés Villageoises du Proche-Orient à l' Atlantique* (dir. Jean Guilaine), Paris, Éd. Errance, pp. 241-252. JORGE, Susana Oliveira & Rubinos, António (2002), Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (northern Portugal): data and problems, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 4, pp. 83-105. Já "on line".
- JORGE, Susana Oliveira (2002), From "fortified settlement" to "monument": accounting for Castelo Velho de Freixo de Numão (Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 4, pp. 75-82. Já "on line".
- JORGE, Susana Oliveira (2003), Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, pp. 89-135. Já "on line".
- JORGE, S. O. (coord.) (2003), *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP/CEAUCP. Obra de referência.
- JORGE, S. O.; Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. ; Coixão, A. S. (2003 - no prelo), Reflexões sobre técnicas de construção e formas de organização do espaço nos sítios pré-históricos recentes de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) - semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins, *Actas do Colóquio Internacional "Sinais de Pedra"*, Évora, Jan. de 2003 (ed. M. Calado).
- JORGE, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. ; Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro), *Côavisão*, 4, pp. 73-93.
- JORGE, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. ; Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarrre), London, Routledge, pp. 36-50. JORGE, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. ; Coixão, A. S. (2003), Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), *Côavisão*, 5, pp. 99-131.
- JORGE, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. ; Coixão, A. S. (2003), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal - recent research (1998-2002), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, pp. 137- 162. Já "on line". Whittle, Alasdair (1996), *Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds*, Cambridge University Press.

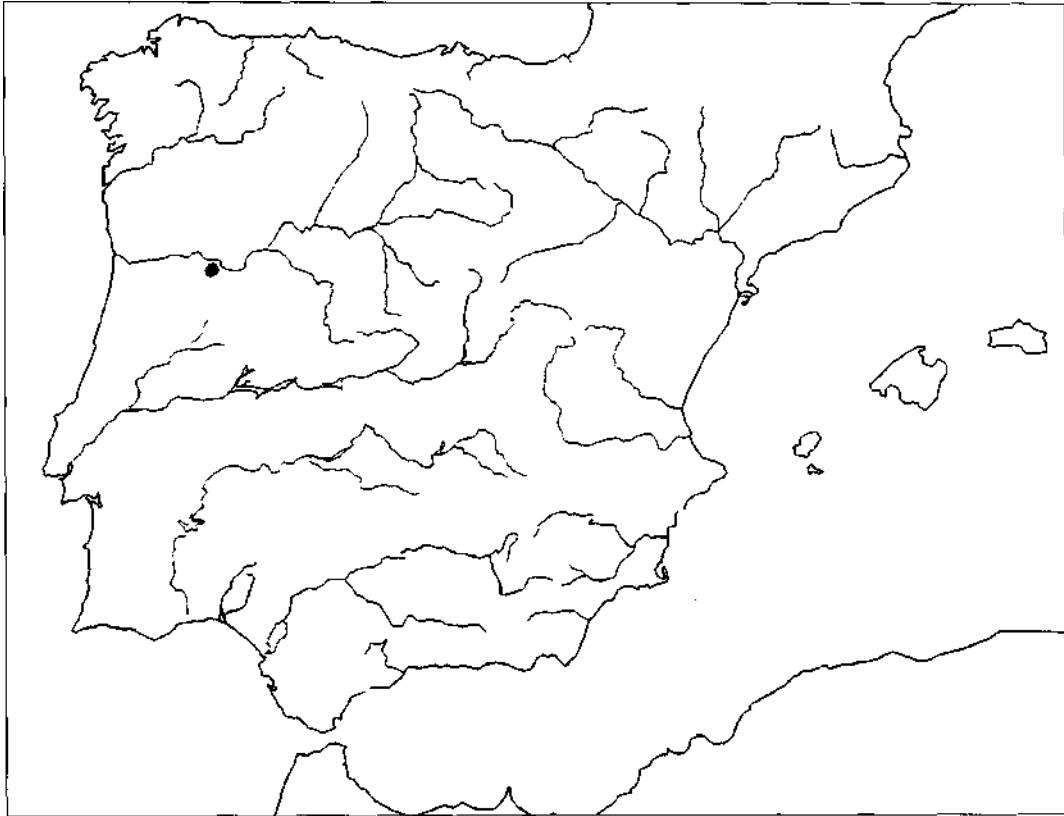


Fig. 1 - Localização do Castanheiro do Vento na Península ibérica.

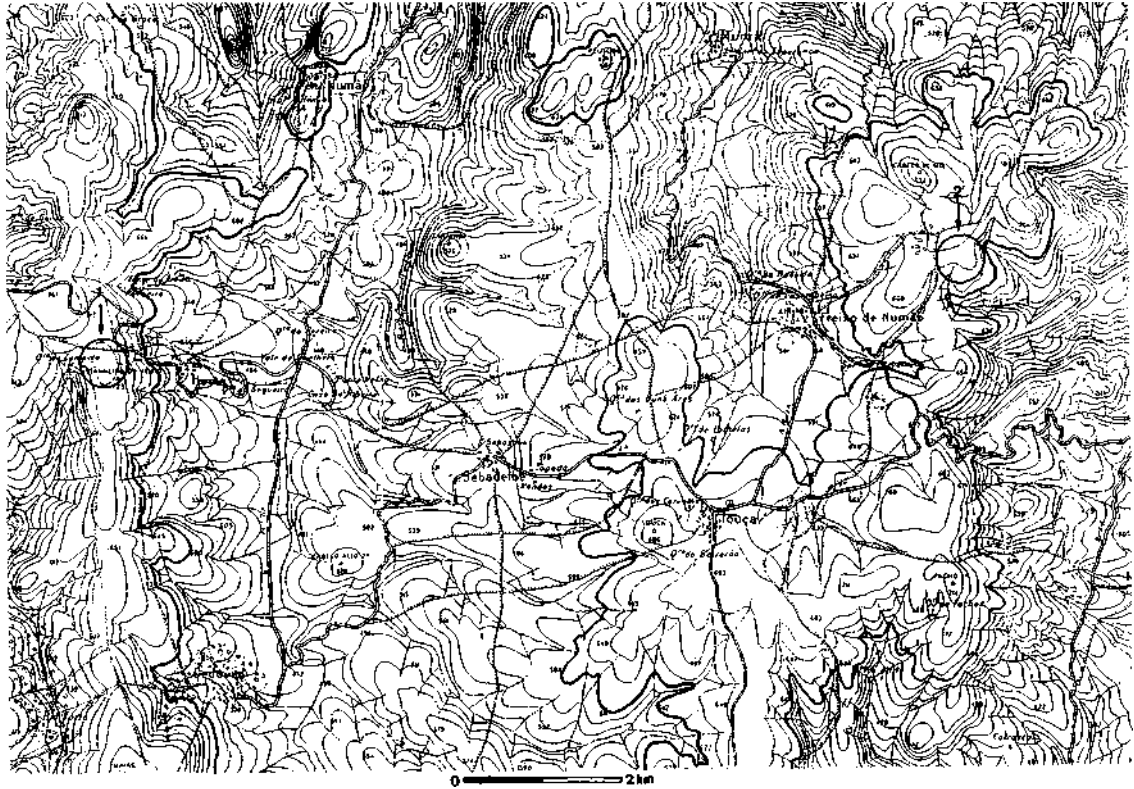


Fig. 2 - Localização dos sítios de Castanheiro do Vento (1) e de Castelo Velho (2), na área de Freixo de Numão - Horta do Douro (baseado na carta 1/50.000, reduzida). Para facilitar a leitura do mapa, área que o Castanheiro do Vento predominantemente "domina", em termos visuais, foi acentuada a negro a curva de nível dos 600 m. Aproximadamente na área central do mapa, encontra-se parte da bacia fluvial da Ribeira da Teja.

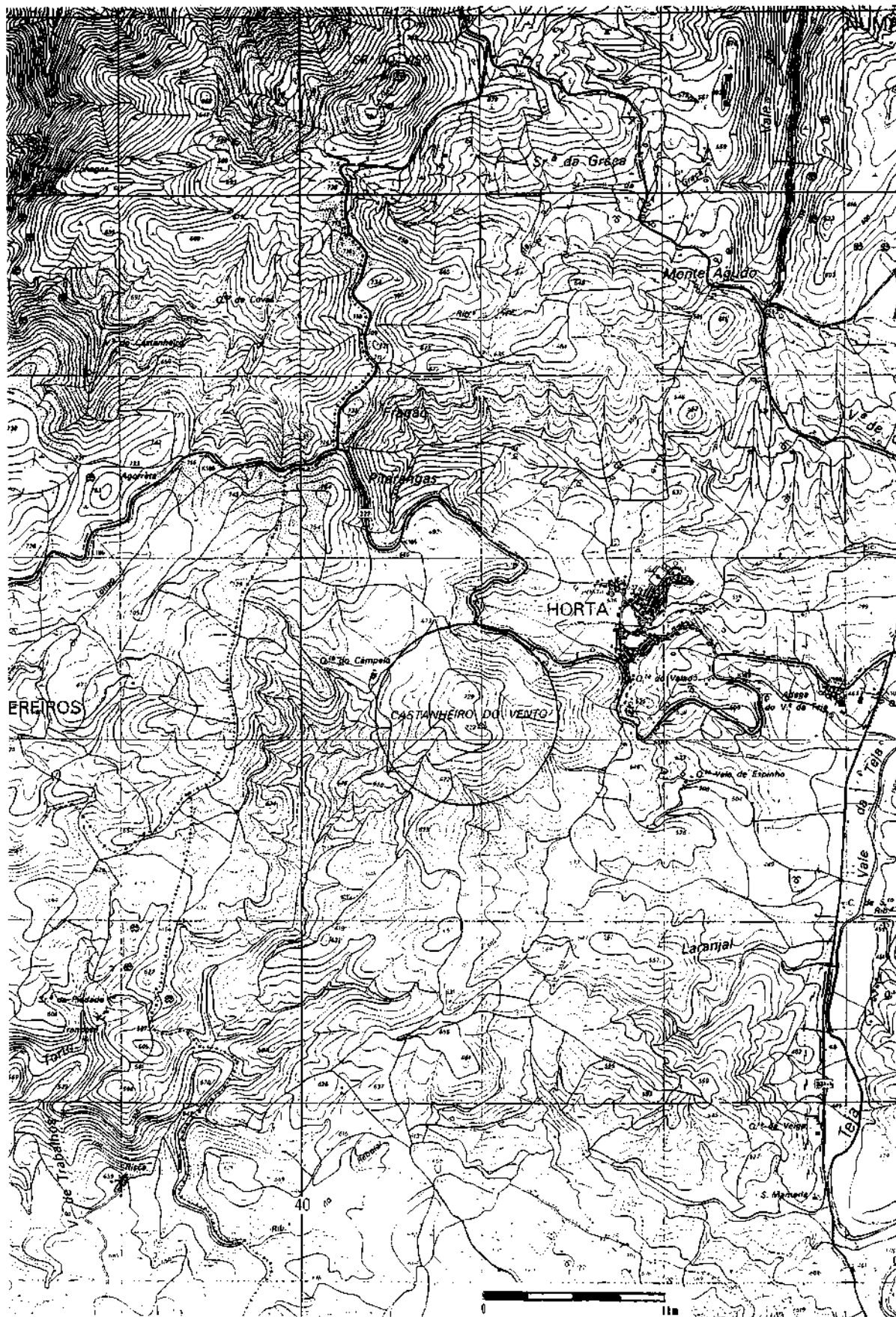


Fig. 3 – Localização do Castanheiro do Vento na Carta Militar de Portugal, folha n.º 140 – Touça, ESC 1/25.000, aqui reduzida.

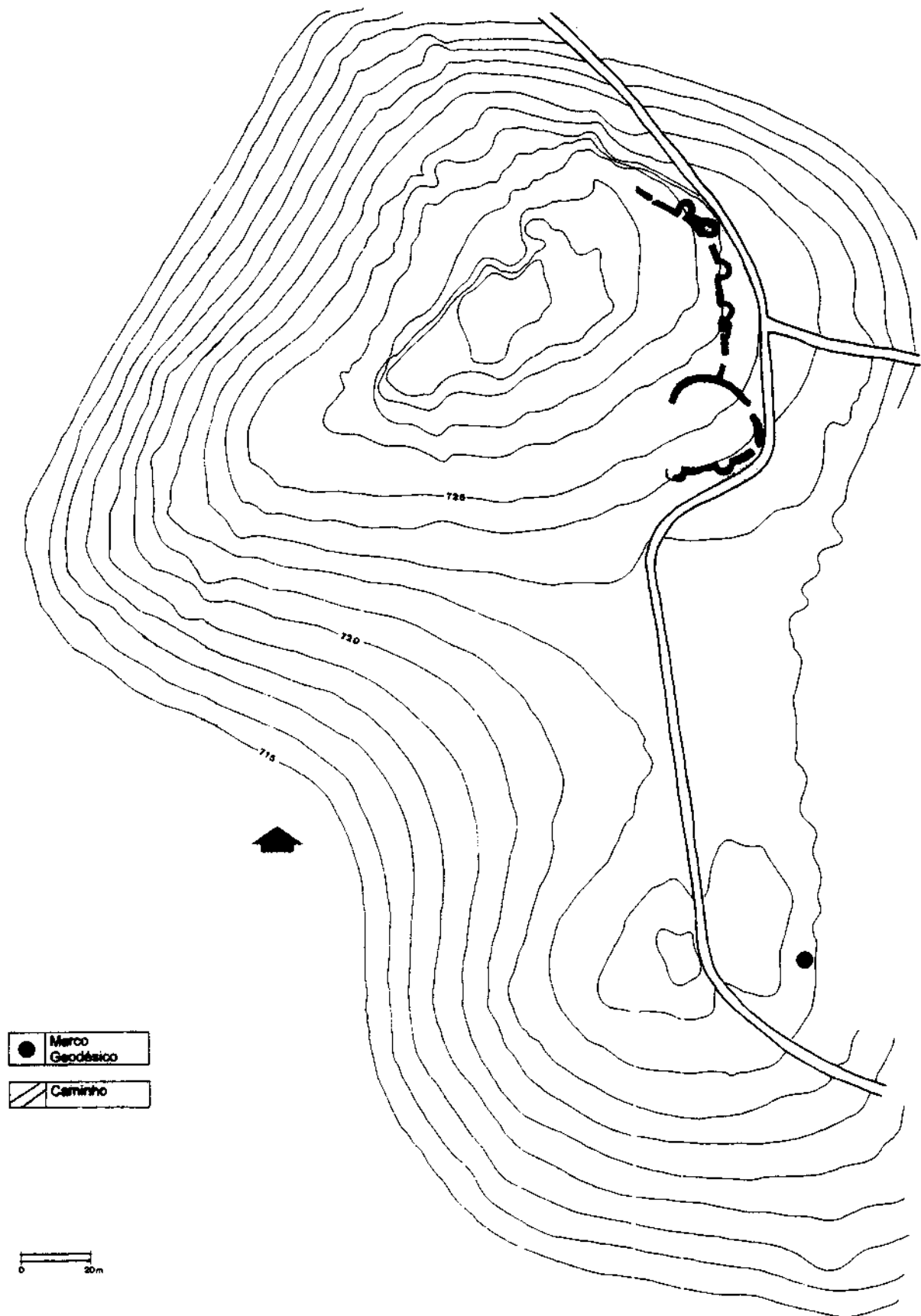


Fig. 4 - Planta geral do topo da estação, com a implantação esquemática da parte da periferia do recinto superior já exumada. Equidistância das curvas de nível 1m.

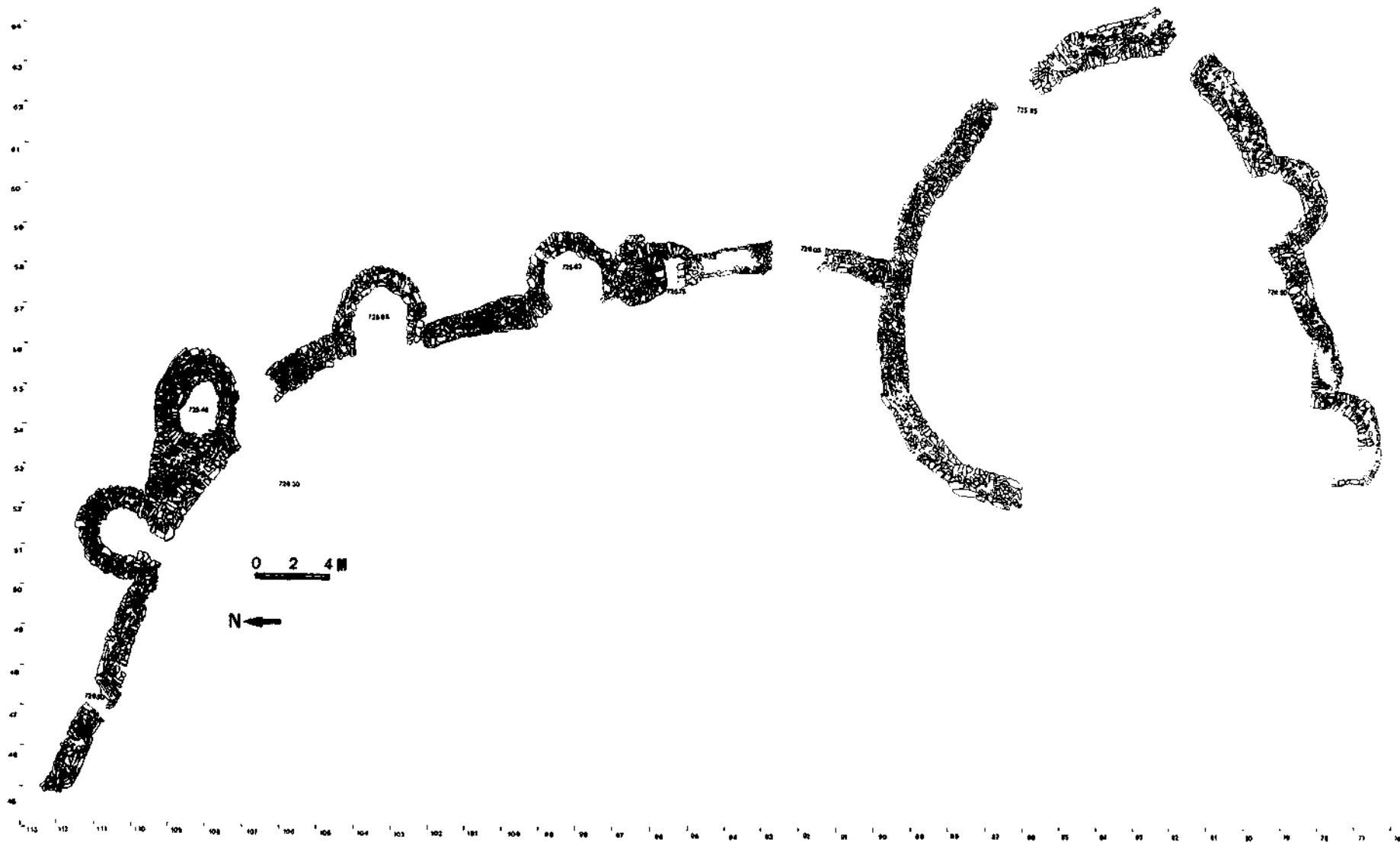


Fig. 5 – Planta simplificada das principais estruturas já exumadas até 2003 no recinto principal: muretes, estruturas sub-circulares A, B, C e D, possível torre e entrada monumental, e no recinto secundário (à direita), também com entradas monumentais e “bastião” (ou “bastiões”).

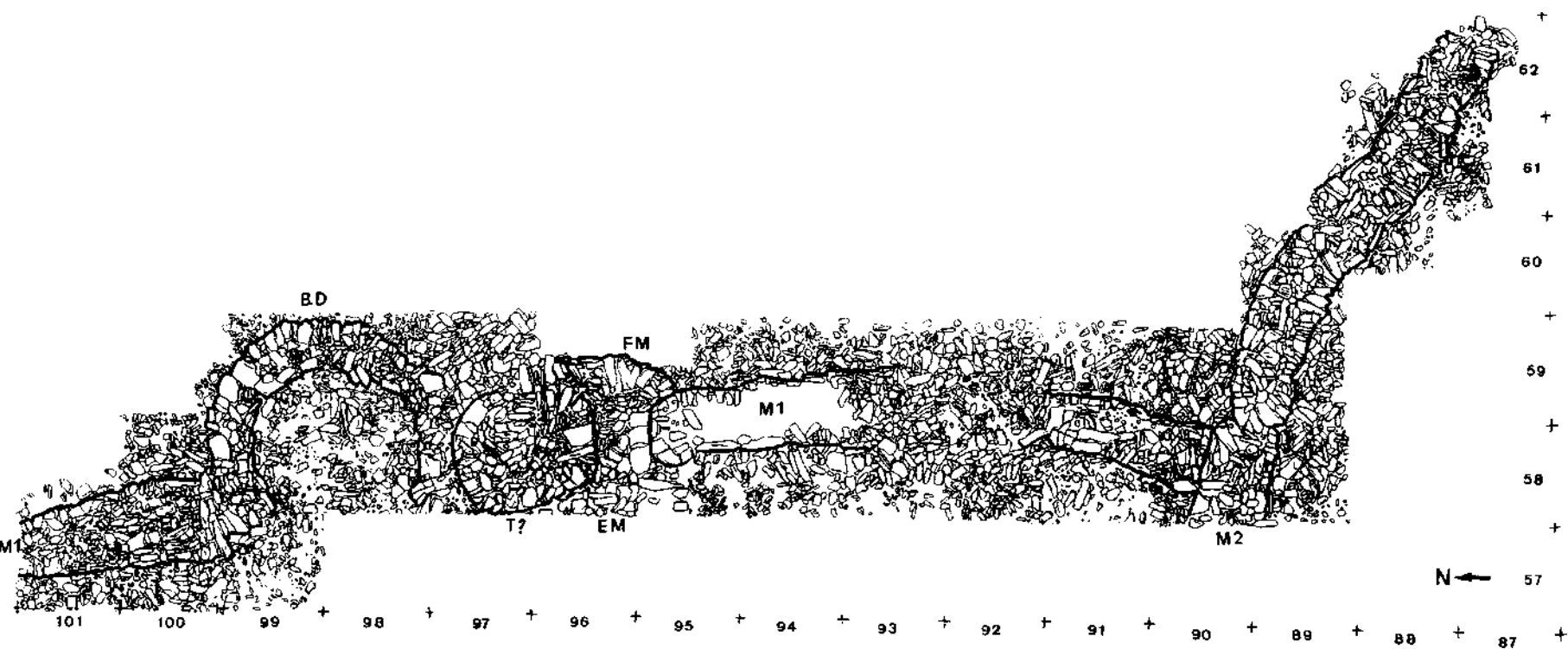


Fig. 6 - Planta genérica da zona mais intervencionada na campanha de 2002, vendo-se a estrutura sub-circular D (B.D), a possível torre com o seu fecho externo (FM), troço de murete (M1) que vai encostar-se a um outro murete, este do recinto secundário.

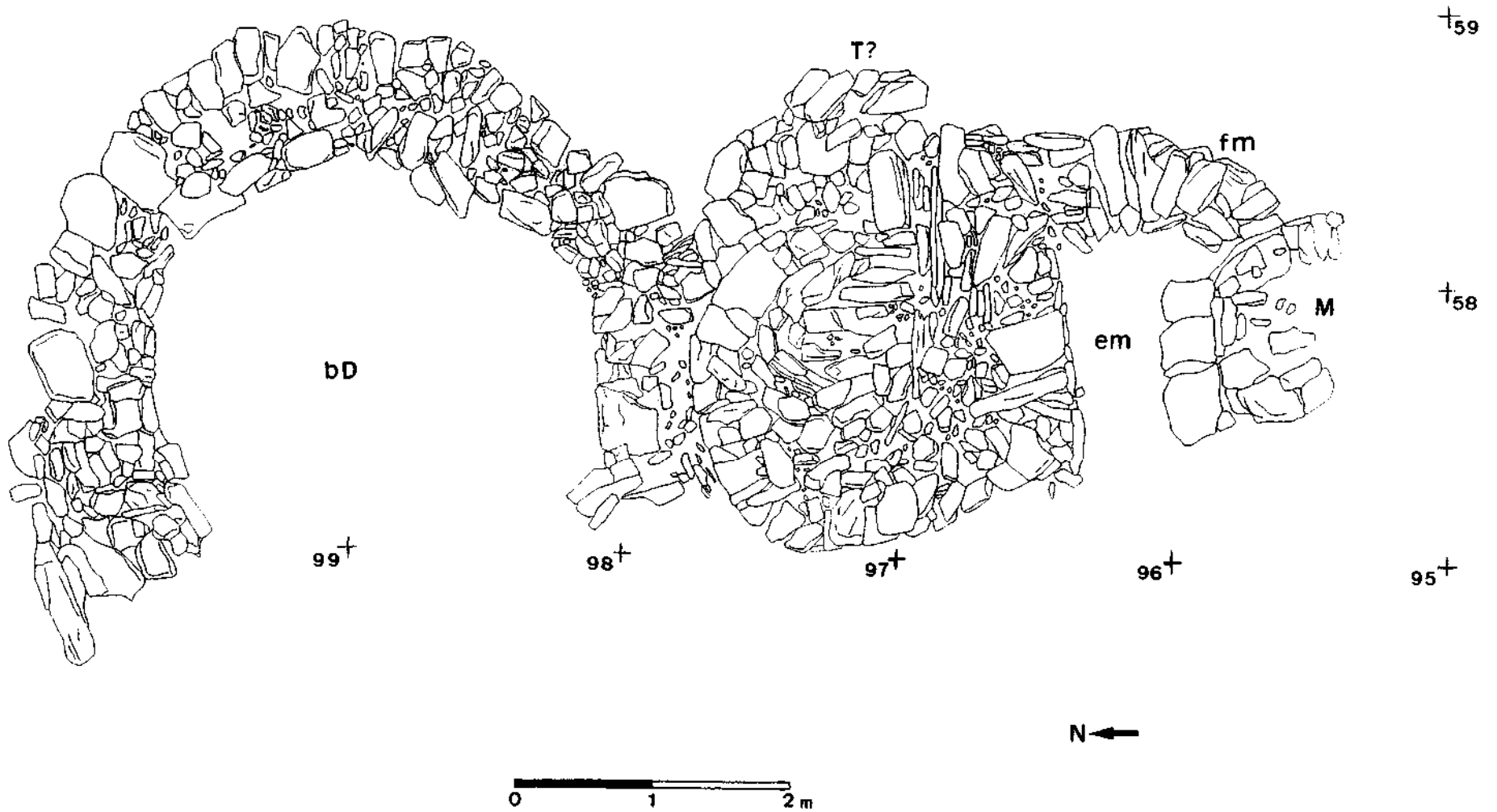
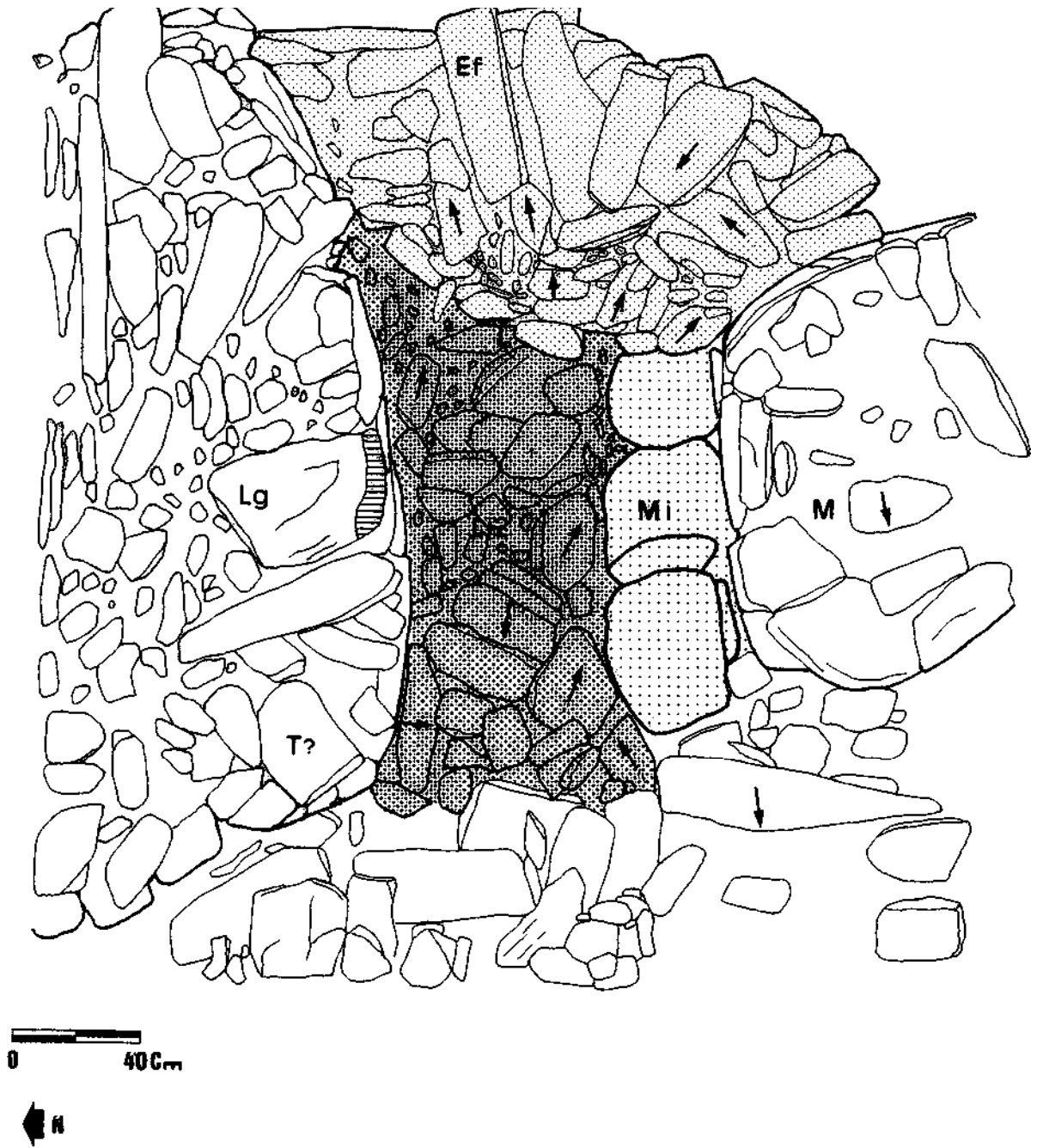


Fig. 7 – Planta de detalhe de parte da área reproduzida na figura anterior: estrutura sub-circular D (b.D), a possível torre (T?), a entrada monumental (em) com o seu fecho externo (fm) e troço do murete.



	Descrição	Cotas
M	Muralha	726.02
T ?	Torre ?	726.01
Lg	Laje com gravuras	726.08
Li 2	Lajeado interno	725.42
Ef	Estrutura de fecho	725.91
Mi	Murete interno	725.86

Fig. 8 - Detalhe da porta monumental com o seu lajeado de base (dado em cor acinzentada mais escura).

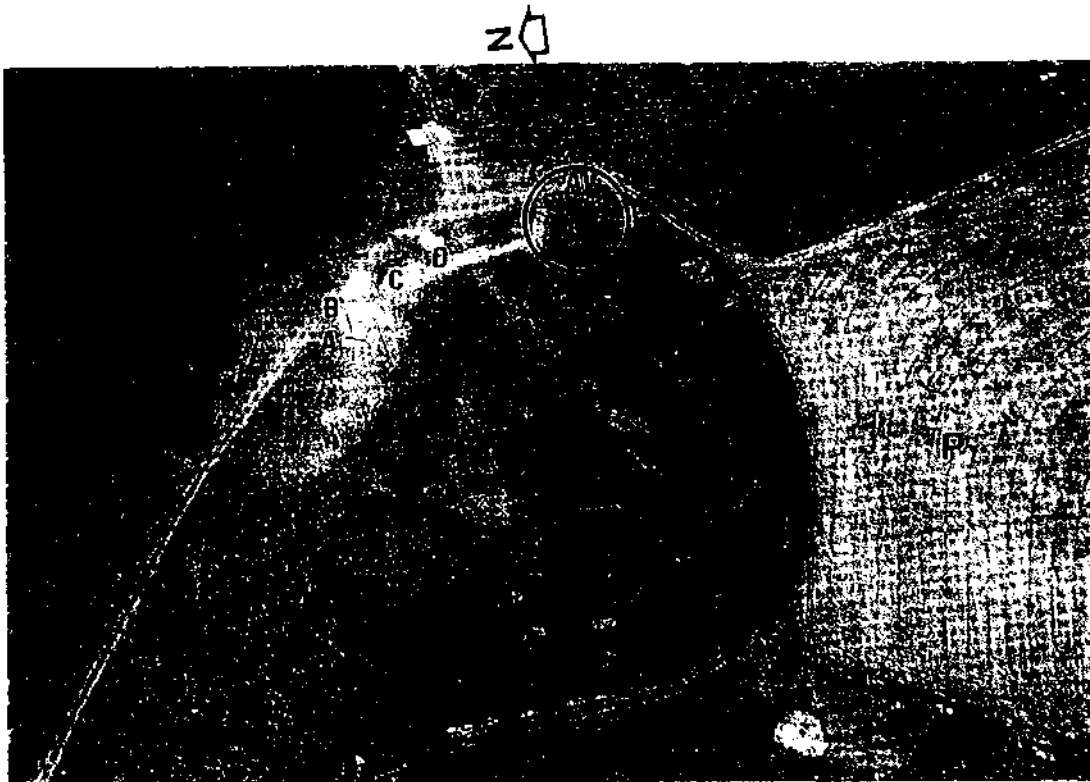


Fig. 9 – Vista aérea da parte mais elevada do Castanheiro do Vento, obtida em Setembro de 2002 (foto Danilo Pavone), A, B, C, e D, estruturas sub-circulares periféricas. AV, área contornada por um murete aparentemente ovóide (recinto secundário), P, campo agricultado.



Fig. 10 – Castanheiro do Vento visto aproximadamente de norte (Foto de Antônio da Silva Pereira).



Fig. 11 – Parte da área escavada em 2002. M, murete, PM, porta monumental, D e C, estruturas sub-circulares (“bastiões”).



Fig. 12 – Pormenor de uma das áreas intervencionadas em 2002. M, murete, PM, porta monumental. D, estruturas sub-circulares, T, torre, N, nicho constituído por elementos de moinhos em granito.



Fig. 13 – Estrutura sub-circular (“bastião” D) vista de este.



Fig. 14 – Porta monumental vista do interior do recinto. Na área superior da imagem, é visível o seu fecho externo.

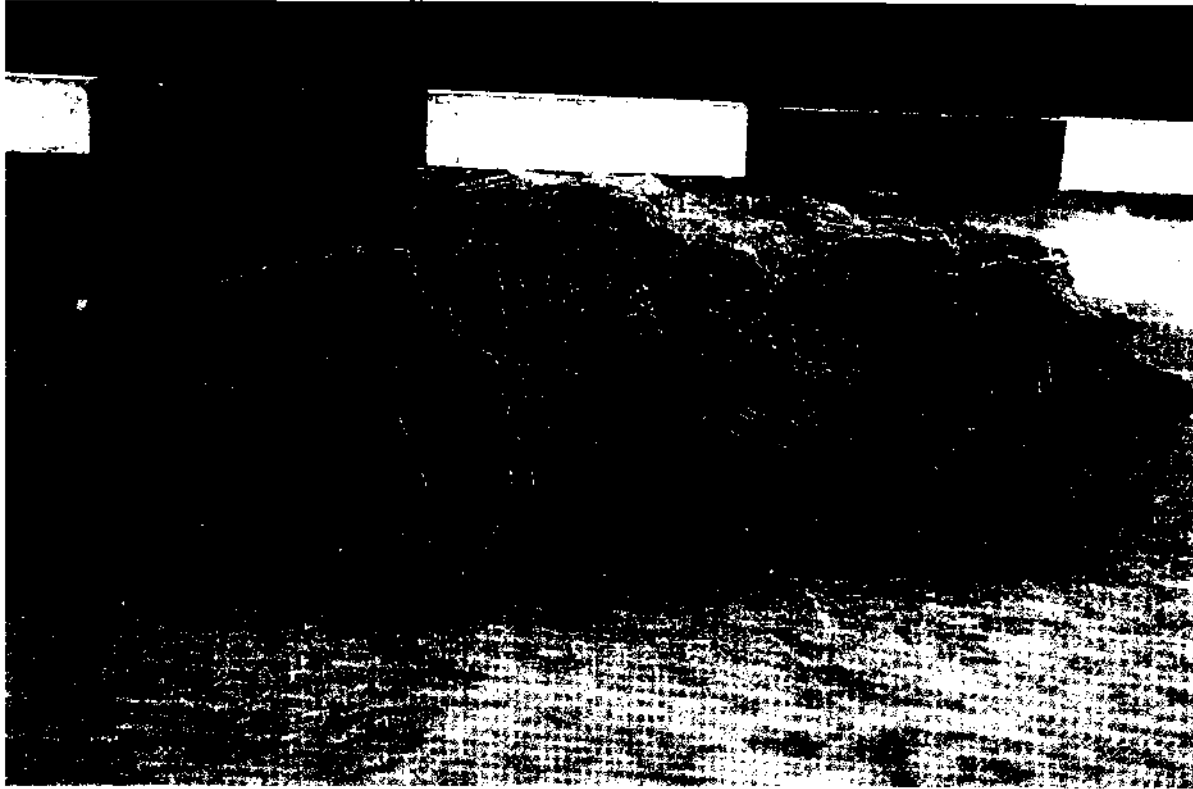


Fig. 15 - Laje com face gravada com motivos fusiformes sub-verticais encontrada no lado norte da entrada monumental. Escala em unidades de 10 cm.